

CASCUDO E A FOLKCOMUNICAÇÃO

Roberto Benjamin

Luiz Beltrão, no primeiro número da revista Comunicações & Problemas, 1965, lançou as bases do estudo da Folkcomunicação no artigo "O ex-voto como veículo jornalístico". Na introdução, faz considerações de ordem geral sobre a existência de alternativas à comunicação de massa utilizadas pela população de cultura folk para se informar e expressar suas opiniões.

"Pois é tempo de não continuarmos a apreciar nessas manifestações folclóricas apenas os seus aspectos artísticos, a sua finalidade diversional, mas procurarmos entendê-la como a linguagem do povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir tantas e tantas vezes discordante e mesmo oposta ao pensar e ao sentir das classes oficiais e dirigentes."

Ele não havia adotado, porém, a denominação Folkcomunicação para esta área de estudos. Beltrão, pouco antes, havia estado na cidade de Natal, como consultor da Associação de Imprensa e da Fundação José Augusto, com vistas à implementação do Curso de Jornalismo, em nível superior, no estado do Rio Grande do Norte. Provavelmente nessa ocasião Beltrão esteve com Luís da Câmara Cascudo, como de resto, na época, faziam todos os escritores e jornalistas que visitavam a cidade de Natal. Câmara Cascudo contava então com 66 anos de idade e era a principal figura intelectual do Rio Grande do Norte. Já havia publicado a maior parte da sua obra historiográfica e folclórica, em artigos e livros que o consagraram como um dos grandes nomes dentre os estudiosos da história regional e, especialmente, da ciência do Folclore, no Brasil, reconhecido internacionalmente.

Beltrão enviou o primeiro número de sua revista ao folclorista norterio-grandense e este escreveu um artigo intitulado "Carta sobre o ex-voto", publicado no número 2 da revista Comunicações & Problemas.

No artigo, Luís da Câmara Cascudo ressaltava os seguintes aspectos de interesse da Folkcomunicação:

a) o caráter da publicização do fato da cura

"O ex-voto, sendo a satisfação da súplica atendida, destina-se à publicidade, como ainda usam divulgando nos jornais a obtenção de "graças alcançadas". O aspecto rude da escultura não exclui a intenção emocional de uma homenagem ultra petita. Prova o reconhecimento e demonstra a existência do artista. A importância etnográfica dessas peças está justamente em reconhecer esse oculto e notório desejo de exteriorização".

b) a informação coletiva, inclusive de caráter quantitativo, sobre a saúde da comunidade:

"Seria possível perfeitamente indicar as moléstias comuns em determinadas regiões, a insistência regular de certos males numa área geográfica delimitada, pelo exame dos ex-votos, denunciadores nosológicos e mesmo teratológicos. Sendo a maioria um trabalho e escultura artesanal, rude, rústico, bruto, com a intenção da fidelidade expressionista, esses modelos testificam os níveis artísticos do povo nas camadas mais profundas de sua conservação estética e impulsão recriadora. Nenhuma, ou quase nenhuma interferência dos padrões moderadores mais altos, converge para o ex-voto autêntico. Sua feiura é uma credencial de legitimidade."

c) o tipo antropológico do doador:

"Com as promessas comprovadoras do imediatismo do milagre, retiradas do uso individual, roupas, muletas, carrinhos, aparelhos ortopédicos; da representação material dos membros vulnerados, ocorre a série variada e rica nessas figurações de intenção anatômica em madeira, que foram as mais velhas, barro, metal e cera. Como não existem, tirando as feitas em metal e cera, fábricas de ex-votos, as peças em madeira e barro são de impressionante verismo indicador, não apenas da enfermidade, mas, na coleção de cabeças, do tipo antropológico responsável pela dádiva."

Não há registro de que Luiz Beltrão tenha voltado a escrever a Cascudo. Cascudo não publicou, em

sua coluna jornalística, nenhuma referência sobre o assunto, nem registrou a publicação da sua carta na revista Comunicações & Problemas. Como esta publicação figura na bibliografia organizada por Zila Mamede, fica evidente que Câmara Cascudo guardou o exemplar da revista entre os materiais de sua autoria.

Uma leitura atenta dos dois textos (O ex-voto como veículo jornalístico, de Luiz Beltrão e da "Carta sobre o ex-voto", de Cascudo) é revelador de certa vaidade do autor potiguar e, talvez, também de mágoa. Luiz Beltrão, no seu texto, refere apenas quatro autores (Gilberto Freyre, em uma pouco adequada citação referente à arte da confeitaria, provavelmente extraída de Açúcar; Luiz Sayer, um texto clássico sobre o ex-voto e Alceu Maynard Araújo; e uma matéria do então jovem jornalista Clóvis Melo, deixando de citar a obra de Câmara Cascudo). Em sua resposta Cascudo utiliza os parágrafos 5, 6, 7 e 8 para demonstrar sua erudição sobre o tema, destacando pontos que Luiz Beltrão ignorou. E usando de ambigüidade - talvez ironia - se refere à bibliografia usada por Beltrão como "pobre", embora não faça qualquer indicação complementar.

"De sua bibliografia, grite o mote de Petrarca: Parva sed mihi. Pequeninha mas minha, arranjada, conquistada, possuída, manejada por mim, Luiz Beltrão."

Depois desse fato, Luís da Câmara Cascudo não veio a citar nem o artigo nem as outras obras de Luiz Beltrão sobre a Folkcomunicação. Elas não figuram na bibliografia dos seus livros publicados a posteriori como, por exemplo A história de nossos gestos. Também não há registro de tê-los comentado para os jornais de Natal, onde costumava fazer críticas sobre os assuntos do seu interesse. Até onde foi possível verificar na extensa obra cascudiana, ele nunca utilizou a expressão "folkcomunicação". Isto não reduz o interesse da obra de Cascudo para os estudos da Folkcomunicação. Pelo contrário, Luís da Câmara Cascudo é um autor fundamental para a nossa área de estudos.

As principais expressões da comunicação popular do Nordeste foram documentadas e analisadas por Luís da Câmara Cascudo, destacando-se, especialmente: Vaqueiros e cantadores, (onde "reúne os motivos principais da poesia tradicional sertaneja: o ciclo social do gado, o ciclo heróico dos cangaceiros, histórias de bichos"), Literatura oral (no qual "enumera os elementos e temas do folclore, o canto, a dança, o auto popular, o mito, a lenda, a fábula, a tradição, o conto, as rondas infantis, as adivinhas, a anedota; focaliza a participação indígena, a difusão da língua geral e sua influência no folclore, as fábulas, lendas, mitos, tradições e poética do primitivo habitante do Brasil; aprecia a contribuição africana fixando a diversidade proveniente das origens étnicas; assinala a presença portuguesa e através dela os elementos italianos, castelhanos e orientais; relaciona as fontes impressas da literatura oral brasileira; estuda a poesia oral, particularmente o desafio, os autos populares e danças dramáticas e acrescenta uma pequena antologia do conto popular brasileiro"), Contos tradicionais do Brasil (em que, Cascudo, "numa tentativa de sistematização, dividiu os cem contos em dez seções: contos de encantamento, de exemplo, de animais, facécias, contos religiosos, etiológicos, em torno do demônio logrado, contos de adivinhação, de natureza denunciante, contos acumulativos, ciclo da morte e tradição. Para Cascudo, o conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciante dos costumes, idéias, mentalidades, decisões e julgamentos.") e História dos nossos gestos: uma pesquisa da mímica no Brasil (onde "narra a história, o detalhe, a curiosidade e a evolução de 333 gestos comuns, integrantes do dia-a-dia do brasileiro. Ressalta o gesto como elemento essencial da nossa comunicabilidade, não só como indivíduos, mas como nação."), além do Dicionário do Folclore brasileiro.